Considerações acerca das Categorias Dos Prazeres e Suas Causas na obra *O Gosto* do Barão de Montesquieu

Luciano da Silva Façanha[1]
Zilmara de Jesus Viana de Carvalho[2]
Wainer Furtado Neves[3]

Resumo: O presente artigo esclarece sobre a análise estética do Gosto no século XVIII considerando a obra do Barão de Montesquieu de 1753, intitulado *O Gosto*, verbete escrito para fazer parte da *Encyclopédie* sob a direção de Diderot e D'Alambert e complementar os escritos sobre o gosto já elaborados por Voltaire. O Gosto é abordado a partir dos modos essenciais dos prazeres e suas respectivas causas, considerando suas relações com: a curiosidade, a ordem, a variedade, a simetria, e dos contrastes, da sensibilidade, da delicadeza, da surpresa, das regras, dentre outras circunstancialidades. Também traçaremos um paralelo junto às representações da mesma categoria do gosto com o pensamento estético de Charles Batteux, contemporâneo de Montesquieu. O objetivo é decompor as etapas que constitui a obra *O Gosto* e analisar os processos da alma em que o prazer encontra causas e assim construir o edifício do sentimento. Tema central das discussões sobre o gosto são as dimensões do prazer. O gosto sempre nos liga a algo por meio do sentimento. Decifrar a fonte dos prazeres se constitui como a análise de uma estrutura da alma e encontrar sentido em suas manifestações implica em perscrutar a ordem do sentir e do ver, portanto, o presente trabalho realiza um esforço na medida em que percorre os caminhos do prazer, tal qual elaborados por Montesquieu, para constituir uma reflexão ainda embrionária sobre o gosto, considerando algumas nuances do esteta classicista Batteux.
Palavras-chave: Gosto; Alma; Prazer; Sentimento.

Abstract: This article sheds light on the aesthetic analysis Taste of the eighteenth century considering the work of Baron de Montesquieu, 1753, entitled The Taste, entry written to be part of the Encyclopedic under the direction of Diderot and D'Alembert and supplement written about taste already made by Voltaire. The Taste is approached from essential means of pleasures and their causes, considering its relations with: curiosity, order, variety, symmetry, and contrasts, of sensitivity, delicacy, surprise, the rules, among others circumstantialitys. Also we will draw a parallel with the representations of the same category of taste with the aesthetic thought of Charles

1 Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão(UFMA).

2 Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da (UFMA) .

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Bolsista FAPEMA/CAPES.

Batteux, a contemporary of Montesquieu. The aim is to break down the steps is the work The Taste and analyzing the processes of the soul where pleasure is causes and thus build up the feeling of the building. Central theme of the discussions about taste are the dimensions of pleasure. The taste always connects us to something through feeling. Decipher the source of pleasure is constituted as an analysis of a structure of the soul and find meaning in their expressions of pleasure in order of feel and see, therefore, this work carries an effort in that traverses the pleasure pathways, such which elaborated by Montesquieu, to constitute a still embryonic reflection on the taste, considering some of the nuances esthete classicist Batteux.

Keywords: Taste; Soul; Pleasure; Feeling.

Introdução

A extensão do termo estética requer cuidados e nos possibilita pensar a arte enquanto uma teoria geral, considerando diversos aspectos: psicológicos, éticos, sociais e assim por diante. Estética foi uma palavra que surgiu na segunda metade do século XVIII com Alexander Baumgarten entre 1750 e 1758, contemporâneo de Montesquieu e dos demais enciclopedistas Diderot, D'Alambert, Voltaire e Rousseau, no entanto, Baumgarten propôs uma aproximação entre a estética e a filosofia sob as condições de uma reflexão especulativa sobre a experiência sensível com a arte, considerando as dimensões estéticas do belo, através da contemplação da beleza, seja ela artística, natural ou até mesmo, intelectual.

Baumgarten é um dos principais representantes do iluminismo e como tal, olhou para a estética considerando-a ciência pelo fato de tratar das sensações, das percepções de coisas concretas. Na tentativa de compreender as relações entre o conhecimento sensível e o conhecimento racional, a estética se colocou na perspectiva de Baumgarten a serviço de um conhecimento autêntico e capaz de alcançar a perfeição do conhecimento sensitivo associado à objetividade da racionalidade

Segundo Façanha (2010), há no iluminismo uma uniformidade da razão, a qual se associaram o classicismo e a natureza ou a realidade natural. Este ressalta que não "ocorre essa divergência, exatamente porque o termo classicismo utilizado aqui, designa não só um período, como também, a corrente que estabilizou a **mimeses** enquanto imitação da natureza, o qual é o mote da arte antiga" (FAÇANHA, 2010, p.47).

A introdução de uma reflexão puramente filosófica acerca da arte, tal como uma das propostas fundamentais de Baumgarten, possibilitou a tarefa do filósofo da arte do século XVIII alcançar o status de chegar a conclusões teóricas universais, claro que

considerando a experimentação artística, porém carregada do trabalho crítico do filósofo.

Considerando tal cenário estético, Montesquieu se lançou em uma batalha no campo do gosto para expressar tal categoria estética e estabelecer o prazer como algo vitalício e condição da humanidade, bem como de todos os seres viventes que se pretendem a sentir prazer. Importante filósofo da arte no século XVIII acerca do gosto, Montesquieu foi o primeiro a associar o gosto à dimensão do prazer. Autor marcante das obras *O espírito das leis* (1748), *As cartas persas* (1721) e *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e de sua decadência* (1734), foi convidado para escrever um verbete sobre *Democracia e o Despotismo* para *Encyclopédie*, de D'Alembert e Diderot, mas acabou por direcionar-se também à construção de um verbete voltado para a dimensão do gosto, embebido por um certo tom normativo e valorativo.

Francês, Montesquieu manteve seu cargo de presidente do Parlamento até 1728, após sua saída do cargo de ocupação, realizou viagens à Itália, Suíça, Alemanha, Holanda e Inglaterra. Dentre estas viagens, Itália, entre 1728 e 1729, foi seu primeiro berço de prazer, lá iniciou suas anotações analíticas sobre o gosto observando a bela Florença e Roma. Montesquieu declarou, "Censuro-me a mim mesmo por ter-me recusado, até a idade de 35 anos, o prazer que é ver uma bela pintura e uma bela fachada" (MONTESQUIEU, 2005, p. 92).

O desvelamento da categoria *gosto* somente foi possível na reflexão estética desenvolvida por Montesquieu, já que este se permitiu sair de sua cultura e entrar em contato com a pluralidade de experiências sensíveis captáveis pelo sentimento. Antes de tais reflexões predominava na estética clássica francesa as ideias daquele que foi seu grande expoente, Charles Batteux. Batteux procurou estabelecer critérios racionais e leis simples capazes de dar conta do universo artístico, pretensioso ou não intelectualmente, aplicou um recorrente apelo ao conceito de imitação da natureza pela necessidade de uma unificação, qual seja, estabelecer regras objetivas na produção artísticas e nas considerações acerca do gosto.

Montesquieu, sustentando que o *gosto*, seria uma faculdade de discernir características ou qualidades de objetos e fenômenos, o ressaltou como uma possibilidade de analisar, dividir um objeto em suas partes componentes, sem descartar sua característica sintética de, num grande bloco conceitual, intuir ou perceber a composição precisa de um objeto –, esta assertiva, como aponta Teixeira Coelho, acaba

por demarcar tanto o caráter analítico, quanto sintético do *gosto* argumentado por Montesquieu. Aspectos que, oportunamente, abordaremos com vagar.

Ao ler e interpretar o *Gosto* é perceptível o estabelecimento de uma métrica acerca deste, o que nos permite uma ligeira menção a Nicolas Boileau, no século XVII.

> Nunca ofereça algo de inacreditável ao espectador: a verdade pode às vezes não ser verossímil. Uma maravilha absurda é para mim sem atrativos: o espírito não se emociona com aquilo em que não crê. O que não deve ser visto, que um relato no-lo exponha: se os olhos o vissem o captariam melhor; mas há objetos que a arte judiciosa deve oferecer aos ouvidos e afastá-los dos olhos. Que a complicação da intriga, sempre crescente, de cena em cena, se desenrede sem dificuldade, ao chegar ao ponto culminante. O espírito não se sente mais vivamente atingido do que quando envolvido por um segredo, em um assunto da intriga, de repente a verdade se torna conhecida e tudo muda, dando-lhe uma face imprevista (BOILEAU, 1979, p. 42-43).

Boileau se colocou perante Jean Racine, Pierre Corneille, Molière, dentre outros, como um legítimo legislador da arte teatral e do espírito artístico, definidor da doutrina chamada clássica no século XVII; expressou-se em *Arte Poética* (1674) de maneira didática e artística impondo modelos teóricos, cuja principal regra era agradar e comover. Já Montesquieu, em nosso modo de entender, reconheceu-se um também legislador do espírito, que sente o prazer ao estabelecer etapas do *gosto* no cortejo dos prazeres em suas receptividades.

Sua obra *O Gosto* é dividida em: *Ensaio sobre o gosto nas coisas da natureza e da arte*; *Dos prazeres da alma*; *Do espírito em geral*; *Da curiosidade*; *Dos prazeres da ordem*; *Dos prazeres da variedade*; *Dos prazeres da simetria*; *Dos contrastes*; *Dos prazeres da surpresa*; *Das diversas causas que podem produzir um sentimento*; *Da sensibilidade*; *Outro efeito das relações entre a alma e as coisas*; *Da delicadeza*; *Do não sei o quê*; *Progressão da supressa*; *Das belezas resultantes de um certo embaraço da alma*; *Das regras*; *Prazer baseado na razão*; *Da melhor situação* e *Prazer causado pelos jogos, quedas, contrastes*.

Discutiremos no desenvolvimento deste artigo todas as etapas, já que as consideramos relevantes para o desfecho do gosto no bloco casual do prazer, e as analisaremos pela decomposição dos prazeres, apropriando-nos também dos comentários de Teixeira Coelho. Além disso, ao examinarmos a concepção de gosto, em Montesquieu, dialogaremos com Charles Batteux (1713 – 1780). Expoentes de um classicismo ainda conclamado no século XVIII, tanto Charles Batteux, quanto o próprio Montesquieu estão em uma linha de *front* a favor da defesa de leis que ordenem uma

concepção de *gosto clássico*. Adiante desenvolveremos tais análises perfazendo timidamente as nuanças convergentes e divergentes das ideias desses pensadores.

Ensaio Sobre o Gosto Nas Coisas da Natureza e da Arte

Neste breve ensaio, Montesquieu relata que "As fontes do belo, do bom, do agradável, etc. estão em nós mesmos; buscar suas razões é buscar as causas dos prazeres da alma" (MONTESQUIEU, 2005, p. 12). A alma surge como um elemento estrutural, na qual dela se extrai espécies de prazeres. Montesquieu cita três espécies: os que dele se extrai do fundo na existência, a outra como resultado de sua união ao corpo, e aquela baseada em inclinações e preconceitos que uma tradição lhe impusera.

Baseando-se em tais descrições da alma, Montesquieu surge com a proposta de examiná-la imersa em tais relações de prazer, considerando suas manifestações em ações e paixões. Compreendendo essas manifestações, a formação do gosto poderia ficar mais perceptível e fácil de ser reconstruída. A poesia, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, a dança e demais manifestações de ações humanas ou naturais, são capazes de provocar sentimentos. Encontrar a medida do prazer que cada coisa destas pode suscitar às pessoas é um desafio, que Montesquieu se propôs a examinar.

Observamos em Montesquieu, nessa etapa, uma preocupação em dirimir as causas e os diferentes prazeres da alma e em afirma que o prazer é inerente à natureza da alma, por conseguinte, que o gosto tem por objetivo se realizar em tais causas do prazer.

Ora, se em Montesquieu o gosto associado ao sentimento de prazer é recorrente, o mesmo não se pode dizer que ocorra em Batteux, pois este já julga que "o gosto é um conhecimento das regras pelo sentimento" (BATTEUX, 2009, p. 68). Sendo assim, na sua concepção, para examinar o gosto devemos ir em busca de suas leis, visto que há regras que prescrevem as suas relações com o reconhecimento de sua causa. Conforme Batteux:

> O gosto é então um sentimento. Como na matéria de que se trata aqui, esse sentimento tem por objeto as obras de arte, e como as artes, tal qual provamos, são apenas imitações da bela natureza, o gosto deve ser um sentimento que nos advirta se a bela natureza foi bem ou mal imitada. Isso se desenvolverá cada vez mais em seguida (BATTEUX, 2009, p. 50).

Batteux nos deixa evidente que o conhecimento e o sentimento são processos que podem clarear as percepções do gosto como movimento em direção às artes, no entanto, considera o conhecimento igualmente uma luz que ilumina nossa alma, enquanto que o sentimento comporta uma agitação, algo que nos é dado por natureza para julgar pelo gosto aquilo que é o bom. O objeto do gosto é a natureza, e nesse ínterim, o gosto é quem julga num tribunal em que se sente mais do que se prova.

Dos Prazeres da Alma

Afirma Montesquieu, que:

> A definição mais geral do gosto, sem considerar se se trata de um bom gosto ou de um mau gosto, um gosto adequado ou não, é que gosto é aquilo que nos liga a uma coisa por meio do sentimento, o que não impede que ele possa aplicar-se às coisas do intelecto, cujo conhecimento dá tanto prazer à alma que essa é mesmo a única felicidade que certos filósofos conseguem compreender. A alma conhece por meio das idéias e dos sentimentos; ela sente prazer por meio das idéias e dos sentimentos, pois, embora possamos estabelecer uma oposição entre idéia e sentimento, quando a alma vê uma coisa ela a sente, e não há coisas tão intelectuais que ela não possa ver ou que acredite não ver e, por conseguinte, que não sinta. (MONTESQUIEU, 2005, p.17)

Assim, defende o filósofo, que o gosto não se aplica exclusivamente as coisas sensíveis, podendo ser referido às coisas do intelecto, pois também a elas nos reportamos por meio do sentimento, uma vez que o conhecimento proporciona prazer à alma. Em outras palavras, pode-se dizer que o gosto se estabelece na relação entre idéia e sentimento, logo não há oposição, mas complementaridade, uma vez que nos ligamos a uma coisa (no caso, a ideia), por meio do sentimento, despertando o prazer.

Dos prazeres da Alma foi dividido em duas partes: o natural e o adquirido. Falar em prazer e entendê-lo em sua fonte impõe o gosto como sua medida, de sorte que o conhecimento dos prazeres naturais e dos adquiridos servirá para retificar nosso gosto natural e nosso gosto adquirido como relatou Montesquieu. Pois bem, sustentado pelo autor francês, o gosto natural não é um conhecimento teórico, sendo sim, uma aplicação direta de regras as quais não conhecemos bem (MONTESQUIEU, 2005, p. 16). Tal ação natural ocorre, por exemplo, quando algo, tido por nós como belo, nos causa certa surpresa independentemente de conhecermos as causas lógicas do acontecimento, ou seja, sem saber como ocorreu tal efeito, nesse sentido, os preceitos dizem respeito ao gosto adquirido, ainda que indiretamente ao gosto natural, uma vez que o gosto

adquirido afeta, muda, aumenta e diminui o gosto natural, tanto quanto o gosto natural também, afeta, muda, aumenta e diminui o gosto adquirido (MONTESQUIEU, 2005, p. 102).

Já de acordo com Batteux, "o gosto é nas artes o que a inteligência é nas ciências. Seus objetos são diferentes em verdade, mas suas funções têm uma analogia tão grande entre si que uma pode servir para explicar a outra" (BATTEUX, 2009, p. 49). Batteux concede a afirmação de um bom gosto, que é o único bom, mas há aqueles que têm o gosto falso. No entanto, é a alma que conhece e o que ela conhece produz nela um sentimento. Batteux fala de um gosto exercido nas artes que não é um gosto artificial, mas algo que é como se fosse parte de nós mesmos, que nasceu conosco e cujo ofício seria nos levar ao que é bom incondicionalmente. Assim, enquanto Montesquieu trabalhou as perspectivas de gosto adquirido e natural, Batteux preconizou a análise do gosto bom e do gosto falso.

Do Espírito em Geral e Da Curiosidade

Comenta Montesquieu que "O espírito é o gênero do qual são espécies a engenhosidade, o bom senso, o discernimento, o senso de medida, o talento, o gosto" (MOTESQUIEU, 2005, p. 19). Nesta etapa da obra, surge o conceito de espírito e Montesquieu se preocupou em ligá-lo à posse de faculdades bem constituídas na sua aplicação a certas coisas, se tal coisa for particular, seu nome é talento e sendo esta coisa particular própria a um povo, o talento denomina-se espírito; caso a coisa esteja ligada ao prazer delicado de pessoas comuns, chama-se gosto.

Montesquieu explicitou que a alma foi feita para pensar (perceber) e partindo dessa concepção, a curiosidade é um elemento componente desta entidade. A alma sentirá prazer, na medida em que, for apresentada a várias coisas, novamente a pluralidade se estabelece na diversidade das coisas apresentáveis a alma, que deseja conhecer e que não se limita à uniformidade. Portanto, o prazer proporcionado por um objeto, necessariamente, nos conduzirá a outro e assim por diante; a alma nunca se cansará de buscá-lo.

Nessa perspectiva, desejamos poder ampliar nossa visão, estar em vários lugares, sobrepondo os muros da cidade que limitam por demais nossas experiências que é o mundo das coisas. A alma persegue, assim, seus limites e gostaria de ampliar a esfera de sua presença (MONTESQUIEU, 2005, p.22). Para tanto:

> A arte vem em nossa ajuda e nos revela a natureza que se oculta de nós; apreciamos a arte e, mesmo, apreciamos mais a arte que a natureza, isto é, a natureza que se furta a nossos olhos; mas quando encontramos belos cenários, quando nossa visão liberta pode enxergar, bem ao longe, campos, riachos, colinas, em arranjos que são, por assim dizer, feitos intencionalmente desse modo, a alma se encanta ainda mais do que ao ver os jardins de Le Nôtre; isso porque a natureza não copia a si mesma, enquanto a arte sempre se parece a si mesma (MONTESQUIEU, 2005, p. 22-23).

Em Batteux, "nossa alma é feita para conhecer o verdadeiro, e para amar o bom. Como há uma proporção natural entre ela e esses objetos, ela não pode lhes recusar a impressão. Ela logo desperta e se põe em movimento" (BATTEUX, 2009, p. 51). Enquanto movimento, procede à afirmação de um dinamismo da alma como impulso natural na multiplicidade das obras na natureza. Batteux corrobora o fato de que para examinarmos o gosto e suas leis, a natureza em sua pluralidade de obras deve fornecer ao gênio, para que este então se realize na conjuntura de significações em torno da alma. De acordo com Batteux, "o conhecimento é uma luz difundida em nossa alma; o sentimento é um movimento que a agita. Um aclara; o outro aquece." (BATTEUX, 2009, p. 50)

Dos Prazeres da Ordem e Dos Prazeres da Variedade

Muito oportunamente, Montesquieu ao tratar dessa pluralidade, das variedades no mundo das coisas que são apresentáveis à alma, afirma que essas muitas coisas devem ser colocadas em certa ordem para que a alma possa lembrar o que viu e imaginar o que verá, de modo a felicitar-se por sua amplitude e capacidade de penetração. Ao passo que a falta dessa ordem leva a alma a sentir-se confusa e humilhada, posto que ela quer introduzir a ordem onde não existe. Desse modo, há que se garantir a existência da variedade, para que a alma sinta prazer, mas também da ordem. Montesquieu cita como exemplo os pintores que agrupam suas figuras, "por isso os que pintam batalhas põem no primeiro plano de suas telas as coisas que o olho deve distinguir deixando a confusão para o fundo e o distante" (MONTESQUIEU, 2005, p. 25-26).

É digno de nota, que Luigi Pareyson (2007), em *Os Problemas da Estética,* classifica a arte como formatividade e ao definir o aspecto essencial da arte como a produtividade, o realizativo e o executivo, aproxima muito este último aspecto – o executivo –, desta ordem referida por Montesquieu, na qual se deve estabelecer uma

sequência, introduzindo uma ordem na confusão, no emaranhado de coisas que se apresentam à Alma.

Em Montesquieu, tão importante quanto essa recomendação acerca da necessidade da ordem é a de que é preciso mostrar à alma coisas que ela ainda não viu,

> A alma gosta de variedade; mas se gosta da variedade é porque, como dissemos, foi feita para conhecer e para ver: portanto, é preciso que ela possa ver e que a variedade lhe permita fazê-lo; quer dizer, é preciso que uma coisa seja simples o bastante para ser percebida e variada o suficiente para ser percebida com prazer (MONTESQUIEU, 2005, p. 28).

Necessário é ao sentimento que o que lhe é oferecido seja diferente daquilo que ela acabou de experimentar, "As histórias nos agradam pela variedade do que contam; os romances, pela variedade dos prodígios narrados; as peças de teatro, pela variedade das paixões" (MONTESQUIEU, 2005, p. 27). Nessa perspectiva, a uniformidade é assumida como um risco à variedade, e um perigo eminente ao gosto. Com relação a esta, Montesquieu a percebe como insuportável quando prolongada demasiadamente, porém há coisas que parecem variadas e não o são e outras que parecem uniformes e são muito variadas. Por exemplo, a arquitetura gótica parece muito variada, mas provoca uma confusão pelo tamanho reduzido dos ornamentos, arquitetura esta que causa desagrado na visão estética de Montesquieu. o outro exemplo citado em sua obra é a arquitetura grega, que, pelo contrário, parece uniforme, mas apresenta uma variedade incomensurável. Assinala Montesquieu (2005, p. 29)

> A arquitetura grega, pelo contrário, parece uniforme; mas, como ela é feita de tantas partes quanto as necessárias para que a alma veja exatamente o que pode ver sem se cansar, e que são, no entanto, em número suficiente para que a alma por elas se interesse, essa arquitetura apresenta a variedade adequada para ser vista com prazer.

Quanto a esse gosto da alma pela variedade, afirma Batteux (2009, p. 61), por sua vez, que:

> Nossa alma é um composto de força e de fraqueza. Ela quer se elevar, se engrandecer, mas ela quer fazê-lo sem dificuldade. É preciso exercê-la, mas não em demasia. Essa é a dupla vantagem que ela tira da perfeição dos objetos que as artes lhe apresentam. Ela encontra primeiro a variedade, que supõe o número e a diferença das partes apresentadas ao mesmo tempo com posições, gradações, contrastes agudos (não se trata de provar aos homens os encantos da variedade). O espírito é agitado pela impressão das diferentes partes que o atingem, todas em conjunto e cada uma em particular, e que multiplicam assim seus sentimentos e suas idéias.

Dessa forma, Batteux também considera que a alma ostenta uma força natural, como impulso em direção à variedade das partes constituintes da obra e que produzem sentimento de gosto. Assim, a variedade agita a alma e causa prazer no movimento e ação contínua.

Dos Prazeres da Simetria e Dos Contrastes

Adotando aqui uma inversão proposital, falaremos primeiramente das observações de Charles Batteux sobre o contraste e a simetria, para só então retomarmos o discurso de Montesquieu.

Conforme Batteux (2009, p. 62-63):

> A unidade e a variedade produzem a simetria e a proporção: duas qualidades que supõem a distinção e a diferença das partes e, ao mesmo tempo, uma certa relação de conformidade entre elas. A simetria reparte, por assim dizer, o objeto em dois, coloca no meio as partes únicas e, ao lado, aquelas que são repetidas, formando assim uma espécie de balança e de equilíbrio, o que confere ordem, liberdade e graça ao objeto. A proporção vai mais longe. Ela entra no detalhe das partes que compara entre ela e com o todo, e apresenta sob um mesmo ponto de vista a unidade, a variedade, e o concerto agradável dessas duas qualidades entre elas. Tal é a extensão da lei do gosto em relação à escolha a ao arranjo das partes do objeto.

Na compreensão de Batteux, a unidade e a variedade produzem como resultado a simetria e proporção, tais elementos excitam nossos sentidos e produzem a causa do prazer.

A obra *O Gosto*, de Montesquieu, perfaz uma linearidade sensorial e intelectual acerca dos modos de prazer da alma, a beleza suscitada pela simetria haverá de ocupar um lugar privilegiado com relação ao gosto, bem como sua relação com o contraste imerso na variedade. Entender tal relação decorre de uma regra geral, que Montesquieu esclarece em suas próprias nuanças.

> Ali onde a simetria é útil à alma e pode ajudá-la em suas funções, a simetria torna-se agradável; mas onde for inútil, torna-se enfadonha porque elimina a variedade. As coisas que vemos num movimento sucessivo devem ter variedade, pois assim a alma não sente dificuldade alguma em vê-las; pelo contrário, as que percebemos de um golpe de vista devem ter simetria. Como percebemos de um só golpe de vista a fachada de um prédio, um cenário, um templo, tudo isso deve ter simetria, que agrada à alma pela facilidade permitida ao olho de abarcar todo o objeto de uma só vez (MONTESQUIEU, 2005, p. 31-32).

Este enaltecimento da apreciação do elemento simétrico em relação ao prazer, suscitado pela coisa sentida na alma, permite nos aproximarmos da áurea estética grega em que a arte foi concebida como técnica, como um fazer, acentuando o aspecto fabril e manual, mas, sobretudo, retratando a beleza das formas simétricas na natureza.

Assim como a alma gosta da simetria também aprecia os contrastes. Montesquieu sublinha que a região da alma que conhece gosta da variedade. Quem sente também procura, uma vez que, a alma não pode sustentar por muito tempo as mesmas posições, pois está ligada a um corpo, que igualmente não consegue suportá-las. Para que alma se sinta estimulada é necessário que os nervos sejam animados pela faculdade do espírito, nesse ínterim duas coisas acontecem: a possibilidade da lassidão dos nervos, ou uma quietude por parte do espírito, que não mais se agita, ou que se dispersa dos locais por onde andaria. Compreendemos que Montesquieu quis nos chamar a atenção para o movimento de oposição, uma dessemelhança acentuada e o que faz de um objeto ser distinguível, para então a alma alcançar o prazer no contraste.

Ousaria concluir esta seção com as considerações de Batteux acerca da alma, onde o mesmo a considera como a carruagem do gosto, e o repouso inesgotável dos prazeres, desse modo, enquanto a alma se exerce apenas pelo sentimento, somente o gosto a conduz. Continua Batteux (2009, p. 80):

> A alma reconhece então em silêncio todas as faculdades; ela as prepara e as põe em cena. Pela mediação dos olhos, dos ouvidos, do tato e dos outros sentidos, ela reúne os conhecimentos e as idéias que são como provisões da vida. Como nessas aquisições é o sentimento que reina e que age sozinho, ele já deve ter feito progressos infinitos antes mesmo que a razão tenha dado o primeiro passo.

Dos Prazeres da Surpresa e Das Diversas Causas Que Podem Produzir um Sentimento

Montesquieu (2005, p. 38) relatou que a surpresa pode ser produzida pela "coisa ou pelo modo de percebê-la, como quando vemos uma coisa maior ou menor do que de fato é, ou diferente do que é, ou quando vemos a coisa em si mesma, mas com uma idéia acessória que nos surpreende".

A surpresa incitou o sentimento inesperado perante a alma. Montesquieu considerou que o prazer provocado pela surpresa permitiu um sentimento que agrada à

alma pelo espetáculo e pela imediatez da ação. Esta percebe ou sente algo que não esperava, ou ainda o percebe e sente de um modo que inteiramente não previa.

Ao comentar acerca do elemento surpresa, Montesquieu se aproximou muito da definição aristotélica acerca do mover espiritual artístico na tragédia grega. Aristóteles, ao analisar a tragédia grega, salientou que o devir artístico na arte trágica comporta dois elementos essenciais que provocam um sentimento de prazer e, ao mesmo tempo, de horror nas encenações dos enredos das peças teatrais, que seriam: a dialética do reconhecimento e da peripécia. Tal associação nos é permitida e autorizada pelo relato do Barão de Montesquieu (2005, p. 38)

> É também por essa razão que as peças teatrais nos agradam: elas se revelam gradativamente, ocultam os acontecimentos até que se produzam, sempre nos preparam novos motivos de surpresa e frequentemente nos espicaçam ao mostrá-los de um modo que deveríamos ter previsto.

O exemplo das peças teatrais testemunham que há diferentes tipos de surpresa que podem ser suscitadas e, por assim dizer, um grande número de sentimentos. Ora, definir uma causa que possa provocar ou produzir um sentimento não é tarefa fácil, mas adversamente acontece. Considerando a busca pela causa, Montesquieu concluiu que uma única causa é impossível. O sentimento não encontra na alma uma única, mas sim, certas combinações, por conseguinte, diversas causas, que podem gerar a força e a variedade dos sentimentos.

O espírito para Montesquieu possui a tarefa de saber alcançar diversas faculdades: "examinando diversos escritores, pode-se perceber que os melhores, e aqueles que mais agradam, são os que estimularam mais sensações na alma ao mesmo tempo" (MONTESQUIEU, 2005, p. 41). Isto porque o que está em jogo é sempre aquilo que de alguma maneira nos agrada nas relações entre a alma e as coisas, podendo ter tal agrado, como vimos, distintas e variadas causas.

Batteux, por seu turno, alude que a alma lança um clarão de luz, que nos permite descobrir as qualidades do objeto de arte. Para ele a lei do gosto somente tem como objeto a imitação da natureza, da bela natureza – a primeira lei do gosto em Batteux, em relação à escolha e ao arranjo das partes dos objetos –, donde se precisa concluir que a bela natureza, contém todas as qualidades do belo e do bem.

> Ela deve nos agradar, quanto ao espírito, oferecendo-nos objetos perfeitos neles mesmos que engrandecem e aperfeiçoam nossas idéias. É o belo. Ela deve agradar nosso coração, mostrando-nos nesses mesmos objetos interesses que nos sejam caros, que digam respeito à conservação ou à perfeição de nosso ser, que nos façam sentir agradavelmente nossa própria existência. E é

> o bom, que se reunindo ao belo em um mesmo objeto apresentado, lhe dá todas as qualidades de quem tem necessidade para exercer e aperfeiçoar ao mesmo tempo nosso coração e nosso espírito (BATTEUX, 2009, p. 63).

Em síntese, é a *belle nature* que nos oferece objetos perfeitos, que engrandecem e aperfeiçoam nossas ideias e, nessa medida, o modelo de arte perfeita.

Da Sensibilidade e Outro Efeito das Relações entre a Alma e as Coisas

Cada coisa nos dá um sentimento composto e variado de muitos outros que, por vezes, podem nos agradar ou desagradar sob vários aspectos. No entendimento de Montesquieu, a alma frequentemente ela mesma é geradora de seus próprios motivos de prazer, o que estaria em jogo seria suas relações com as coisas. A intimidade que é estabelecida em qualquer relação que seja, depende do grau de afinidade que é mantido entre as partes. Com efeito, relata Montesquieu (2005, p. 46):

> Assim, uma coisa que nos agradou no passado continua nos agradando pela única razão de um dia nos ter agradado, isto é, por ligarmos a idéia anterior que tínhamos à mais recente: uma atriz que um dia nos agradou no teatro continua a nos agradar na intimidade: sua voz, sua declamação, a lembrança de tê-la admirado, que sei eu, a idéia de uma princesa acrescida à idéia dela mesma, tudo isso constitui um conjunto que forma e produz um prazer.

Além disso, dos homens da antiguidade, que viveram no campo e que, marcados pela ingenuidade, narraram mitos, contaram fábulas, descreveram aventuras e fantasias de um mundo irreal, herdamos um misto de paixão e tranquilidade, na medida em que transformamos tais coisas em objeto de nosso desejo, distante que são da nossa condição, mas não tanto assim a ponto de impossibilitar o reconhecimento da ligação de algo em comum conosco. Segundo Montesquieu, os poetas habitantes da cidade, por sua vez, tal como os homens que viviam em seu tempo, ao contrário, só poderiam falar da inquietação e do desgosto, frutos da avareza, da ambição e das atormentadoras paixões aí desenvolvidas.

Da Delicadeza e Do *Não Sei o Quê*

Montesquieu nesta etapa do *Gosto* distinguiu dois tipos de pessoas; aquelas que são delicadas e outras que são grosseiras. Experimentando apenas uma única sensação, a alma das pessoas grosseiras não sabe compor e nem decompor, não acrescenta e nem

tira nada daquilo que a natureza das coisas oferece. Pelo contrário, a experiência em que as pessoas delicadas se lançam, reservam uma composição dos prazeres do amor para si, pelo motivo de compor com amor as partes que a natureza oferece, tais pessoas com relação às obras do espírito têm uma infinidade de sensações.

Questão fundamental do século XVIII, e bastante discutida pelos teóricos das *Belas Artes*, é a que se refere à existência de critérios para que se possa estabelecer o gosto baseado num regramento ou normatividade. Montesquieu tratou de um gosto que pode se apropriar de regras já consolidadas de uma determinada manifestação artística, mas o gosto não se restringe a tal normatividade, pode ser independente dela. Portanto, enfatiza o Barão de Montesquieu (2005, p. 54), que: "no espírito a graça só existe quando o que é dito parece um achado e não algo que se buscou".

A graça encontra-se no espírito, mas o espírito só se mostra aos poucos, quando bem entende fazê-lo e na medida em que escolhe fazê-lo; pode ocultar-se para depois revelar-se e, então, provocar uma espécie de surpresa que produz a graça. Tal descrição decodifica o desfecho do enredo, em um cortejo trágico em que os mitos foram ritualizados nas peças teatrais áticas.

A graça é um elemento que não se adquire, para tê-la é preciso ser ingênuo. O que significa essa ingenuidade para Montesquieu? É possível haver um cultivo dessa ingenuidade? A educação nos fez perder o sentido natural, e ora nos encantamos quando a vemos retornar. No tocante a isso, Montesquieu discutiu sobre o gênio artístico e a maneira que nossos sentidos foram educados para superar o movimento artístico do classicismo. Acerca do gênio, aquele que produz, cria, e do outro lado, também recepciona a obra, enquanto espectador nos lança nas relações de produção do prazer, que brota na alma no decorrer de suas aproximações com a coisa.

Batteux, bem antes de Montesquieu, já havia traçado considerações sobre o gênio e sua íntima relação com o gosto, segundo ele, o gênio e o gosto tinham o mesmo objeto nas artes. Um cria, o outro julga. "Assim, se é verdade que o gênio produz as obras de arte pela imitação da bela natureza, como acabamos de provar, o gosto que julga as produções do gênio deve satisfazer-se somente quando a bela natureza é bem imitada." (BATTEUX, 2009, p. 47). O gênio possui uma atividade de invenção, na criação de uma ordenação das partes que irão compor um todo da obra, e implica em elevação, gradação de estados de espírito, mas ao gosto, e somente ao gosto, é relegado a polidez de louvor à bela natureza e o processo de causa do prazer em sua escolha do que é belo é concomitante a percepção do sentimento de agrado.

Da Progressão da Surpresa e Das Belezas Resultantes de um Certo Embaraço da Alma

Montesquieu (2005, p. 57) afirmou que algo é tido por notavelmente belo "quando uma coisa é tal que a surpresa por ela provocada é de início medíocre, mas em seguida sustenta, aumenta e nos leva à admiração". Há a idéia de uma progressão em que a surpresa vai sendo desvelada, na medida em que a alma sinta prazer quando experimenta um sentimento que não consegue compreender e quando vê algo totalmente diferente daquilo que já conhece, resultando por lhe dar uma sensação de surpresa da qual não consegue mais se desvencilhar. Montesquieu para exemplificar a progressão da surpresa nos apresenta uma jornada pelas obras de Rafael, Virgílio, Corneille, Racine, Michelangelo, Jules Romain, demais pintores de Veneza e Lucano. Dentre estes artistas, há aqueles que imitam tão bem a natureza que a surpresa ao vê-la não representaria nenhuma novidade pela perfeição de sua representação.

O ver e o sentir são movimentos que tocam a alma causando-lhe uma sensação de surpresa. Mas em um movimento contrário, ocorre que "muitas vezes a alma se surpreende pelo fato de não poder conciliar o que está vendo com o que já viu" (MONTESQUIEU, 2005, p. 61). Neste instante certo embaraço na alma se estabelece.

> Portanto, os contrastes são causa de defeitos tanto quanto de beleza. Quando percebemos que não têm razão de ser, quando revelam ou evidenciam um outro defeito, tornam-se grandes instrumentos do feio que, quando se nos revela de repente, pode provocar uma certa desconcentração em nossa alma e nos fazer rir. Quando a alma encara esse fato como uma desgraça para a pessoa que o ostenta, isso pode provocar a piedade; quando o encara com a noção de que é algo que pode nos prejudicar, e com a idéia de comparação com aquilo que costuma nos emocionar e provocar nosso desejo, a alma o vê com um sentimento de aversão (MONTESQUIEU, 2005, p. 63).

Evidenciamos que todos os contrastes nos surpreendem porque as coisas em oposição se revelam mutuamente. O belo e o feio, a piedade e o riso irônico, a graça e a desgraça, revelam uma variedade e oposições dualísticas que acabam sendo impressas na alma por correspondência com o prazer. Alma e prazer, polaridade que sugere certa complementaridade, na qual o gosto então se manifesta em relações dualísticas, posto que o sentimento é expresso em movimentos ascendentes do espírito, antíteses e analogias.

Batteux traz para o cenário do gosto, a felicidade. Segundo seu modo de entender só pode haver felicidade para o homem quando seus gostos são conformes com

sua razão. Um coração que se revolta contra as luzes do espírito, só pode produz uma espécie de guerra interior que acaba por envenenar todos os instintos da vida, a progressão e a surpresa, ambos fazem parte de um movimento que anima a alma num composto de força e fraqueza como pensa Batteux (2009, p. 60 – 61), com efeito, diz este que:

> Dentro de si mesmo ele percebe primeiro que, quanto mais os objetos dele se aproximam, mais é por eles afetado, e quanto mais esses objetos dele se distanciam, mais lhe são indiferentes [...]. Dessa primeira observação, nosso legislador conclui que a primeira qualidade que os objetos apresentados pelas artes devem ter é a de serem interessantes, isto é, que tenham uma relação íntima conosco [...]. O observador notou em segundo lugar que aquilo que dá exercício e movimento ao seu espírito e ao seu coração, e que amplia a esfera de suas idéias e de seus sentimentos, tinha para ele um atrativo particular. Disso conclui que não bastava para as artes que o objeto que elas tivessem escolhido fosse interessante, mas que deveria ainda ter toda a perfeição da qual ele é suscetível, sobretudo porque essa perfeição mesma abrange qualidades inteiramente conformes à natureza de nossa alma e de suas necessidades.

Das Regras e Prazer Baseado na Razão

Afirma Montesquieu (2005, p.69), que:

> Embora cada efeito dependa de uma causa geral, a esta vêm juntar-se tantas outras causas particulares que cada efeito tem, de certo modo, uma causa peculiar; pode-se dizer que a arte fornece as regras e o gosto, as exceções; o gosto nos diz quando a arte deve governar e quando deve ser governada.

Com tal afirmação, torna-nos evidente que no século XVIII havia um sentido de que quanto maior o grau de conhecimento de um conjunto de regras da arte apreciada, maior se tornara os proventos de bom gosto adquiridos pelo seu apreciador. Mas na ressalva reside a exceção, que o apreciador da obra não se limitava apenas pelas regras, havia também algo de ingênuo, e isso sim era o que mais agradava, apesar de ser o estilo mais difícil de apreender relegada às pessoas bem educadas e de espírito amplo. Conforme Montesquieu (2005, p. 71):

> Eu já disse várias vezes que aquilo que nos dá prazer deve estar baseado na razão. E aquele que assim não estiver, sob certos aspectos, mas, sob outros, mesmo assim produzir seu efeito, deve afastar-se dessa regra o menos possível.

Com essa concessão não pretende, entretanto, o autor de *O Gosto*, desprestigiar o valor da razão, tanto que defende que ninguém parecia entender mais de arte do que

Michelangelo, uma vez que o mesmo parecia ter uma arte especial para cada obra. Com um conhecimento preciso detalhou as proporções exatas, estabelecendo a simetria de maneira exata, em uma ordem impecável.

Observe-se, ainda, que o razoável é parceiro da confiança, isto é, na obra de arte, aquele que cria tem a consciência que alguém a verá, logo nela deve estar implícita, para que agrade, uma certa confiança no autor, confiança que se perde quando percebemos, desde logo, que ela peca contra o bom senso.

> Quando uma coisa se mostra, sob certos aspectos, contra a razão, e quando, agradando-nos mesmo assim por outros motivos, o costume ou próprio interesse de nossos prazeres faz com que a vejamos como algo razoável, como ocorre com nossas óperas, é preciso mesmo assim que ela se afaste da razão o menos possível (MONTESQUIEU, 2005, p.72).

Da Melhor Situação e o Prazer Causado Pelos Jogos, Quedas, Contrastes

Nesta etapa, Montesquieu tratou da grande arte da comédia, arte esta que consiste em equilibrar a afeição e a aversão de modo a não nos desmentirmos em nossas sensações do início ao fim da peça, e não sentirmos remorso ou lamentações por termos amado ou odiado o que vimos. Em torno desse tema central que é a comédia, o prazer torna-se algo manifesto em nossa malícia ou aversão natural que sentimos por certas ocasiões ou personagens, em virtude do interesse que sentimos por outras.

Há diversas situações embaraçosas onde o outro nos causa prazer pelo seu constrangimento, mas acaba por revelar uma inclinação natural da condição humana de uma espécie de malícia natural.

> Quando vemos alguém cair, nos damos conta de que essa pessoa leva um susto maior que o necessário, e isso nos diverte; da mesma maneira, nas comédias sentimos prazer ao ver uma pessoa mais embaraçada do que deveria. Ver um homem sério fazer uma coisa ridícula, ou numa situação que sabemos não convir a sua seriedade, nos diverte [...] Quando uma criança leva um tombo, em lugar de rir ficamos com pena porque não é culpa dela mas de sua falta de controle; quando um jovem cego de paixão, comete a loucura de casar-se com alguém a quem ama e é punido pelo pai, ficamos tristes com esse castigo [...]. (MONTESQUIEU, 2005, p. 75-76)

Os processos de ocultamento e desvelamento são pertencentes ao devir da alma em relação ao prazer causado pelos jogos, quedas e contrastes. Montesquieu para melhor exemplificar esse jogo de presença e ausência utiliza o jogo de cartas e o desenlace das peças teatrais, vejamos:

> A beleza do jogo do *hombre* (jogo de cartas de origem espanhola) consiste num certo suspense, mesclado de curiosidade, provocado por três diferentes situações que podem ocorrer e que têm por consequência a possibilidade de vencer-se a partida, empatá-la ou vencê-la sem jogar, o que faz com que estejamos sempre num estado de suspense e na constante obrigação de mudar o jogo. De igual modo, nas peças teatrais o suspense é tanto e nos sentimos tão inseguros que não sabemos o que acontecerá (MONTESQUIEU, 2005, p. 79-80).

Considerações finais

Apesar de incompleta a obra *O Gosto*, propondo-se a possibilitar o conhecer das diversas fontes de nossos prazeres foi uma aposta intelectual e sensorial de Montesquieu válida para sua época, e que ainda nos permite pensar a variedade e a multiplicidade dos contrastes em nossa atualidade.

Sentir, mais que conhecer, e conhecer para sentir não se configuravam como abordagens suficientes para dar conta do gosto. Atacar o gótico e retornar ao florescer da sensibilidade grega clássica, bem como, revelar um profundo conhecimento nas *Belas Artes* em geral, desde a arquitetura até a pintura, passando pela música, pelo teatro e demais artes foi um percurso trilhado pelo autor nesse empreendimento da análise do gosto.

Ressalta-se também que Montesquieu ao tratar sobre o ver a obra de arte considerando uma certa ordem, uma simetria, observou o contraste na variedade das coisas, destacando a surpresa como um passo adiante na alma. Tanto a pessoa delicada quanto a grosseira, experimentam sensações e cada coisa nos dá sentimentos compostos de muitos outros, que por vezes se entrechocam e se enfraquecem mutuamente. Natural ou adquirido, ainda assim o gosto passa por um processo de formação individual e entendimento dos próprios sentimentos.

O gosto, faculdade de discernir características ou qualidades de objetos e fenômenos, também nos possibilita analisar, decompor e recompor as partes para, então, compreender a composição precisa de um objeto. Para tanto, Teixeira Coelho (2005, p. 94) ratificou que as noções centrais no processo do Gosto em Montesquieu é o prazer, a sutileza e a presteza, Montesquieu "dará no *Gosto*, ainda, uma definição mais geral do gosto como aquilo que, independentemente de ser bom ou mau, correto ou não, liga as pessoas a uma única coisa pelo sentimento, cujo conhecimento dá prazer ao espírito" (MONTESQUIEU, 2005, p. 94).

Charles Batteux, em sua obra *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*, de 1746, anterior ao *O Gosto,* trilhou um caminho árduo onde procurou estabelecer nas artes a natureza pelo gênio que as produz, bem como, o firmamento do princípio da imitação pela natureza e pelas leis do gosto carregado de leis e consequências, dentre outras conjecturas. Batteux foi trazido para um diálogo com Montesquieu considerando a nuança de diversas particularidades em relação a julgamentos da obra de arte e suas manifestações de causa e apreciações do sentimento de prazer, aferidos pelos julgamentos do gosto. Nossa reflexão foi um convite para a observação do lugar da discussão do gosto na tradição classicista do século XVIII, entre autores que pensaram acerca dessa categoria e suas relações com as causa suscitadas pelo sentimento do prazer baseados na razão e na sensibilidade.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental.** (Org. Guinsburg, J. Vários tradutores). São Paulo: Perspectiva, 2004.

BATTEUX, Charles. **As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio.** Tradução de Natalia Maruyama, Adriano Ribeiro; revisão de Victor Knoll; apresentação e notas de Marcos Aurélio Werle. São Paulo: Humanitas, 2009.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética:** a lógica da arte e do poema. Tradução de Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BOILEAU - DESPRÉAUX, Nicolas. **A arte poética.** Introdução, tradução e notas de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1979.

COELHO, Teixeira. **Posfácio. Esboços do prazer (Ensaiando imperfeições).** In. O Gosto. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 83-127.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Poética e Estética em Rousseau:** corrupção do gosto, degeneração e mimeses das paixões. São Paulo: 2010. 530 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

MATOS, Franklin de. **O filósofo e o comediante:** ensaios sobre literatura e filosofia na ilustração. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MONTESQUIEU, Charles de Secondar, Baron de. **O gosto.** Tradução e posfácio Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** Tradução Maria Helena Nery Garcez. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.